

"UMA HISTÓRIA BASEADA EM FACTOS



O MEU MÉDICO
Oftalmologista

ANICETO ATALAIA & SHIN CHAN

O MEU MÉDICO OFTALMOLOGISTA

Por Aniceto Atalaia & Shīn Chän

*Tudo o que exige esforço é cansativo no final; erros não existem, mas se existirem, não são as más escolhas.
(Shīn Chän)*

DEDICATÓRIA

Para todos os amantes da literatura.

Aniceto Atalaia

SUMÁRIO

CAPÍTULO I.....	5
CAPÍTULO II	14
CAPÍTULO III	30
CAPÍTULO IV	45
CAPÍTULO V	61
BIOGRAFIAS.....	78
FICHA TÉCNICA.....	80

CAPÍTULO I

Há quem diga que o amor não existe, mas dizer que o amor não existe é o mesmo que negar a existência de Deus, porque as Escrituras afirmam que há sim um Deus, o Criador de tudo o que existe, de tudo o que homem compreende e não compreende, de tudo que se pode ver a olho nu e o que não se consegue ver, pois não revelou aos homens.

As Escrituras afirmam que Deus é Amor, então, o amor existe porque Deus existe, e é a maior fonte de amor. O homem não sabe o que realmente significa amor, por isso diz que não existe. O verdadeiro amor é sentido para além do que os olhos enganosos conseguem ver.

O amor é tudo, mas tudo não é nada sem a presença do amor, que mata ou salva. O tempo não consegue congelar sentimento algum, por mais longa que seja a distância, as dificuldades e os problemas. Tempos difíceis moldam e criam pessoas fortes.

— E pronto... Finalmente estou pronta e linda, tal como eu queria. — Elogiou-se, enquanto se olhava no espelho dos pés à cabeça, como sempre.

Horas depois percebeu que as suas amigas estavam demorando muito para terminarem de se arrumar, e para apressá-las logo de uma vez, disse-lhes: — vocês podem se despachar com isto, meninas? É que eu tenho que vos deixar às 16 horas.

— E? — Perguntaram-lhe, numa única voz.

— E? Como assim, e? Eu vos disse que tenho de sair, não? — Alertou-lhes.

— Sim. — Disseram elas. — E para onde tu vais, oh senhorita apressadinha? — Perguntaram-lhe.

— Não é relevante e não é da vossa conta, suas intrometidas. — Advertiu-lhes.

— Aham... Agora sei para onde é que vais com tanta pressa assim. — Falou Débora, com sorriso estampado no rosto. — Tu vais a um encontro, não? Diz pra gente. — Insistiu Débora.

— Sim, vou. E olhe que desta vez ficarão de boca aberta. — Respondeu-lhe.

— Mais um feio atrás de você? Hum, queremos ver. — Disse Débora.

— Ah, tá! — Respondeu ela apressada, tirando-as do quarto. — Vamos logo, suas molengas. — Completou.

Saíram tarde, mas eis que finalmente, e Luciana quase que se atrasou para o encontro marcado. Elas foram à festa de aniversário de uma criança, irmão de Débora, uma de suas amigas; o irmão dela tinha completado dez anos de idade, e ela, Luciana, seguiu com o seu caminho. Aliás, desviou-se do caminho prometendo-as regressar brevemente à festa, para cantar os parabéns junto delas. Foi até à paragem e pegou um táxi até o lugar do encontro.

Chegou lá e caminhou um pouco, olhando em volta e em todos os lugares do parque, porque tinha um montão de gente, e de todos os rapazes presentes, segundo ela, poderia ser ali qualquer um, seria como procurar uma agulha num palheiro. Havia quase todo tipo de casal sentado nos bancos, aos beijos e abraços, e outros só em conversas mesmo.

Luciana segurou sua pasta e retirou dela o seu celular, ligou para ver as horas, e o alaranjado que emanava do sol tomava conta do lugar; era lindo o que revelava aquela paisagem. Ficou paralisada num só lugar, de pé olhando fixamente o sol, que se afogava aos poucos nos confins do mundo, lá mesmo, às águas do mar.

— Uau! Que lindo! — Exaltou Luciana, suavemente, arregalando os olhos e se rendendo à beleza da natureza.

Repentinamente, sentiu algo ou alguma coisa por detrás dela, posando sobre seu ombro esquerdo e uma voz grossa, sussurrando próximo ao seu ouvido carregado de piercing: — é sublime a vista, não é? Esse pôr-do-sol, essa luz batendo em nossos rostos...

Rapidamente virou-se com um pouco de medo, ainda meio confusa com a situação, deu um passo para trás e questionou: — quem és tu?

— Boa noite! — Saudou o estranho, sem ao menos responder à pergunta.

Que jovem ousado! Pensou ela, tirando-lhe a mão sobre o seu ombro esquerdo. Mas que audácia! Continuou, só que desta vez olhando-o de cima a baixo.

— Acho que fiz-te uma pergunta, não? — Insistiu Luciana.

— Sim, sim, tu a fizeste. — O estranho respondeu-a tão à vontade, parecendo até que já se conheciam de algum lugar, o que era impossível à Luciana. — E eu saudei a você, não? — Continuou o estranho.

— Sim, saudou! — Respondeu Luciana, com uma pitada de arrogância em seu tom de voz. — Mas isso não interessa, quem és tu? Por que você colocou o seu braço por cima do meu ombro? O que foi? Tu sofres de algum problema mental ou algo do gênero? Me confundiu com alguém? — Questionou Luciana.

— Para alguém que não me conhece, você faz muitas perguntas, não? — Questionou sorrindo, o estranho.

— Sim, fiz, e quero respostas. — Exigiu Luciana.

— Olhe, acho melhor você se sentar um pouco.
— Sugeriu o estranho, educadamente. — A gente está parado no meio do... — Dizia o estranho, quando Luciana o interrompeu: — vais responder ou não, jovem?

— Sim, eu vou responder, mas antes vamos nos sentar, pode ser? — Insistiu o estranho.

Ela não queria sentar-se, ainda mais com um estranho. Na realidade, queria sim, pois já estava cansada de ficar em pé, parada, e não porque ele sugeriu educadamente.

— Está bem — Consentiu Luciana. — Mas não porque você pediu, e sim porque eu já queria me sentar mesmo. — Retratou.

— Certo, sem problemas. — Disse o estranho.

Então sentaram-se, não como os namorados e os casais que ali estavam, mas só para conversar...

— Agora me diz quem és tu? — Exigiu Luciana.

— Ninguém. — Respondeu o estranho.

— Ninguém?... Sério? — Rebateu Luciana, indignada.

— Sim, e tu, qual o seu nome? — Perguntou o estranho, naturalmente.

— O meu?... O que isto lhe importa?... Não interessa! — Respondeu Luciana, irritada.

— Olá, muito prazer, “não interessa”. — Estendeu o estranho a mão, para a cumprimentar.

— Acaso, você é maluco? — Advertiu Luciana, rejeitando-o. — O meu nome não lhe interessa, e não me chamo assim. — Completou.

Dito isto, irritada, o estranho meteu-se a rir.

Luciana tomou novamente seu celular, ligou e já marcava 19 horas, o tempo passava voando para ela. Guardou o celular e disse: — olhe, jovem Ninguém, adeus, tenho que ir, pois já está tarde e quem marcou o encontro comigo neste lugar, não apareceu, seja lá qual a razão.

Dito isto, saiu correndo dali e foi até à paragem pegar um táxi de volta para casa, visto que a suposta pessoa do encontro não havia aparecido. Ela se retirou com a ideia de jamais rever aquele jovem ousado na sua vida, e foi direto à festa.

Quando lá chegou, já se tinha cantado os parabéns, apagado as velas, e isso trouxe-lhe problemas com as meninas, pois as tinha prometido voltar cedo.

— Peço desculpas! — Disse Luciana.

— Como foi o encontro com o príncipe encantado? — Perguntou Débora, enquanto as outras dançavam e se divertiam.

— Ele nem sequer apareceu, amiga! — Confessou Luciana, num tom triste.

— Sério?... Por que será? — Indagou Débora.

— Não faço ideia, talvez um imprevisto. — Supôs Luciana.

— É, talvez... Depois entre em contato com ele para saberes o que realmente aconteceu. — Sugeriu Débora.

— Certo, farei isto... Mas espere! Nem o número dele eu tenho; somos só amigos no Facebook e nunca trocamos números; logo eu o contatarei no Facebook e questionarei a sua falta. — Decidiu Luciana.

— Sim, agora vamos até à cozinha, guardei-te algumas coisas da festa, pois eu sabia que não virias cedo. — Disse Débora.

— Own! Muito obrigada, Débora! Tu és super. — Abraçou-a, Luciana, alegremente.

— Tá, tá, tá... Vamos logo antes que as crianças vejam e comam. — Disse Débora.

— Está bem, vamos logo. — Respondeu Luciana.

A festa terminou às 20h e como sempre, cada um voltou para casa levando algo da festa; típico de Angola. Luciana chegou à sua casa e foi logo se banhar para dormir.

CAPÍTULO II

No dia seguinte, segurou sua pasta para retirar o celular, acessar o Facebook e perguntar ao Mendes o motivo que o levou a não comparecer ao encontro, porém, como se já não bastasse, o celular havia sumido. Procurou e vasculhou em todos os lugares do quarto, na sala, e nada.

Não entrou em pânico, pois tinha fé de que uma de suas amigas o tinha pegado sem ela notar, ou que ela o tinha esquecido na casa da Débora, durante a festa.

Tomou emprestado o celular de sua mãe e ligou-as para perguntar, mas todas disseram que não o tinham visto, nem pegado seu celular.

Desesperadamente pediu às meninas que a acompanhassem até ao parque, na certeza de encontrá-lo lá, mas infelizmente nada, não o encontraram em lugar algum do parque.

— Talvez os miúdos que passam a noite aqui, o viram e o pegaram. — Supôs Eliana. — Que tal perguntarmos a eles? — Sugeriu.

— Sim! Podem ser mesmo eles, bom palpíte. —
Concordou Luciana, e passaram a tarde perguntando aos meninos de rua que ali passavam a noite, alguns adultos também, e nada. O celular havia mesmo desaparecido, só restou aceitar e adquirir outro.

Duas semanas depois, entrou desanimada no Facebook, a partir do celular de sua mãe, e encontrou muitas notificações, pedidos de amizades e mensagens, mas não sentiu vontade alguma de abrir, para respondê-las.

Luciana só pensava em seu celular e nas coisas que lá estavam, como contatos, músicas, fotos, e seus vídeos dela seminua, dançando frente ao espelho. Tinha medo que alguém de má fé encontrasse o celular e postasse os seus vídeos nas redes sociais. Rolou a tela do Facebook, vendo memes e outras postagens desinteressantes, como de praxe, mas nenhuma delas lhe conseguia fazer parar de pensar em seu celular. Não era muita coisa, não era um celular caro, nem nada, mas era o seu celular, uma oferta de aniversário de sua mãe.

Minutos depois veio uma mensagem, não sabia como que a tinham visto no Facebook se o chat nem

estava ligado, contudo, notaram. A mensagem era do Mendes, um amigo virtual.

— Boa tarde, rainha! Como você está? — Mendes teve a ousadia e a cara de pau de lhe saudar.

Luciana visualizou a mensagem, mas não o respondeu, pois, segundo ela, foi por culpa dele que ela perdeu o celular naquele parque, que agora considerava-o maldito.

— Olhe, peço desculpas por não ter comparecido ao nosso encontro, mas é que aconteceu algo e eu não consegui ir, infelizmente! — Justificou Mendes.

— Está bem. — Respondeu Luciana.

— Por favor, me perdoe! — Implorou Mendes.

— Okay! — Concluiu Luciana, a conversa.

Passaram-se várias semanas, como também a intensa conexão que tinha com o Mendes, a pessoa que mais conversava com ela nos maus e bons momentos, pelo Facebook. Tudo tinha mudado, ela parou de enviar mensagens e ele fez o mesmo, a indiferença tomou conta dele, e o orgulho, dela.

Ele não postava fotos em seu perfil, aliás, o seu perfil já estava sem fotos, quando ela o conheceu há um ano, e nunca o pediu que enviasse-lhe uma, porque sabia que algumas pessoas não se sentem confortáveis com fotos nos perfis.

Passaram-se mais algumas semanas e Luciana esqueceu-se completamente dele; o story e os posts dele não mais apareciam ao feed dela, como antigamente.

Após um mês, enquanto se arrumava para ir à Igreja com as suas amigas, que já estavam à espera dela na sala, um número estranho chamou o celular de sua mãe, disse que era um amigo e queria falar com Luciana.

— Alô! — Atendeu Luciana, tentando lembrar de quem é o número. — Com quem falo, por favor? — Continuou.

Contudo, não se ouvia voz alguma do outro lado, silêncio total.

— Alô! Com quem falo? — Insistiu, mas nada se ouvia senão a respiração de alguém.

Desligou o celular e deduziu que só poderia ser brincadeira de mal gosto de suas amigas, para a zoarem, por ela não ter mais um celular.

Terminou de se arrumar e prestes a sair do quarto, o celular tocou novamente pelo mesmo número estranho; não queria atender, mas atendeu enquanto chegava na sala: — alô, com quem falo?

Nada se ouvia, estava mais silencioso do que um cemitério.

— Não vais dizer nada? Tu ligas para não dizer nada? Olhe que podemos respirar até o saldo terminar, eu não me importo! — Argumentou Luciana.

Desligou o celular e não voltou novamente a ligar.

Notou que não tinha sido as meninas que estavam brincando, talvez alguém que se enganou pelo número, mas não foram elas.

— Quem era? — Perguntou-lhe sua mãe.

— Ninguém. — Respondeu-lhe, Luciana. — Creio que foi engano. — Completou.

— Engano? Mas ele disse que era um amigo seu e queria conversar com você... — Comentou sua mãe, surpresa.

— Talvez a senhora tenha entendido mal, mãe. — Sugeriu Luciana.

— Mal? Eu posso já não ser novinha como vocês, mas ainda ouço em perfeitas condições, minha menina. — Disse sua mãe.

— Deixemos pra lá, já estamos em cima da hora, temos que ir, mãe. — Alertou Luciana.

Foram às pressas e à tempo para o culto.

Sua mãe achava que Luciana estivesse bem, sempre, e que nunca havia nada de mal com ela, no entanto, Luciana queixava-se sobre sua fraca visão, algo que não era novidade para sua mãe, que jamais levou isto em conta; dizia que na sua família ninguém teve essa doença, e que talvez fosse apenas algumas comichões nos olhos da filha. Então, orientou-a em começar a lavar os olhos, ou seja, colocar os olhos na água, talvez os olhos tinham coisas ilícitas. Foi fazendo como sua mãe a dissera, mas os resultados eram bem

diferentes, pois o que a sua mãe dizia não era o que realmente sucedia.

Suas amigas recomendaram-lhe procurar um médico oftalmologista, daqui mesmo da cidade de Luanda; Luciana ainda estava com dúvidas se procurava mesmo ou não, mas a Jurelma, que era estagiária numa das melhores clínicas da cidade, insistia-lhe dizendo que não poderia continuar assim, que talvez pudesse acabar se tornando cega, caso não o fizesse. Jurelma disse-lhe também que a clínica donde ela estagiava, por intermédio de seu pai, era muito boa e tinha um serviço de qualidade em várias áreas da saúde, e que a clínica havia recebido novos médicos, doutores.

O tempo foi passando e Luciana sentiu que sua visão ficava cada vez mais fraca, não conseguindo ler adequadamente um jornal de notícias, ou teclar certo as palavras no Facebook. Luz intensa fazia-lhe mal aos olhos, e mesmo assim, todavia, não queria contatar um oftalmologista.

Um mês depois, sua mãe recebeu outra ligação e a pessoa dizia que era com sua filha que gostaria de falar. Luciana recebeu o celular e notou o mesmo número que

havia ligado da outra vez, e que não pronunciava palavra alguma, senão respirar.

— Alô! Resolveu falar alguma coisa ou vamos só respirar, novamente, até o saldo terminar? — Advertiu Luciana, aborrecida.

— Não. — Respondeu-lhe a voz do outro lado.

Ela reconheceu a voz, só não fazia a mínima ideia de onde que a tinha ouvido antes.

— Oh! Tu falas, afinal... — Disse Luciana, sarcasticamente.

— E tu és sempre assim? — Questionou a voz.

— Quem? Eu? E afinal de contas, quem és tu? Ligas e não dizes absolutamente nada, e ainda me perguntas se sou sempre assim? Me conheces? Quem és tu? — Repreendeu Luciana, indignada.

— Eu?... Ninguém... Eu sou ninguém. — Respondeu a voz.

— Ninguém?... — Indagou Luciana, serrou os olhos enquanto acessava os arquivos de sua memória, para lembrar de onde tinha ouvido isto.

Instantes depois, em silêncio, o ouviu, dizendo: — sério? Não importa... Tu não te lembras mesmo de mim? — Questionou.

Meio às suas reflexões, Luciana perguntou: — afinal de contas, como você sabe o número da minha mãe? És feiticeiro ou algo do gênero?

— Não. — Disse a voz. — Não sou feiticeiro algum; você deixou cair algo na noite em que nos sentamos no banco do parque; no dia seguinte, enquanto eu caminhava, o encontrei com alguns rapazinhos, eles estavam famintos, então, o comprei. — Concluiu.

— Sério? Tu és um mentiroso safado! Você roubou meu celular, por isso mesmo não confio em pessoas estranhas. — Repreendeu Luciana.

— Ei... Alto lá! Eu não sou ladrão, mas se eu fosse não ligaria para tentar devolver-te, não achas? Eu tiraria o chip e o jogaria fora, no entanto, não o fiz e decidi procurar em teus contatos o número de alguém que possa estar perto de ti, ou viver contigo, para ligar e avisar-te que encontrei o celular; mas, como tu achas que sou ladrão, adeus! — Rebateu a voz.

— Não!... Não... Não... Tu não és, peço desculpas! — Retratou-se Luciana.

— Aham... Okay. — Consentiu a voz.

— E onde posso encontrá-lo para receber e agradecê-lo, por ter encontrado o meu celular? — Perguntou Luciana.

— No mesmo sítio onde nos vimos pela primeira vez, mas... — Disse a voz.

— Mas?... Mas o quê? — Questionou Luciana.

— Mas... Tu tens que vir sozinha. — Sugeriu a voz.

— Sozinha? Tu és estuprador? Não, não irei sozinha... Tu me queres sequestrar para depois me violentar? Nem em sonho! — Retrucou Luciana.

— Tudo bem, então, és tu quem perde seu precioso celular, a mim não importa, adeus, foi bom conversar contigo. — Disse a voz.

— Está bem, okay... Eu irei sozinha, mas será na área comercial do parque, onde é mais movimentada. — Sugeriu Luciana.

— Sim, sem problemas, não importa, medrosa. —
Consentiu a voz.

— Para quando é o encontro? — Perguntou
Luciana.

— Amanhã mesmo, se tu quiseses. — Sugeriu a
voz.

— Então, nos encontraremos às 15h, tudo bem
para ti? — Sugeriu Luciana.

— Sim, sem estresse, agora tchau! — Concluiu a
voz.

— Por favor, compareça! — Insistiu Luciana.

— Sim, comparecerei, tchau! — Desligou.

O dia seguinte tinha chegado, mas parecia que as horas demoravam muito tempo para passar; de fato, era só mesmo a ansiedade dela de ter novamente o seu celular. O relógio, enfim, marcou 14h30min, despediu-se de sua mãe e foi tomar um táxi diretamente ao parque.

Chegou quando era 14h50min, o motorista tinha andado rápido naquele dia, sentou-se num dos bancos, esperou por ele até às 15h30min e nada, nenhum sinal do tratante. Olhou novamente as horas no celular de sua

mãe e já marcava 16h10min. Tenha paciência, tenha paciência, tenha paciência... Dizia para si mesma. Ele virá, é só esperar...

Esperou, esperou, esperou, até que os glúteos sobre o banco de cimento começaram a doer-lhe, mas decidiu aguentar mais um pouco; era tudo pelo celular. O sol já estava quase se pondo e nenhum sinal do estranho jovem no parque, levantou-se e disse bem baixinho enquanto se recolhia em passos preguiçosos daquele lugar, chateada: — aquele idiota desgraçado, mentiu-me!

— É lindo esse pôr-do-sol, não? Já te vais embora? — Disse alguém atrás dela.

Virou-se lentamente e viu que era ele, o mesmo jovem que havia lhe dito aquelas mesmas palavras, outro dia.

— O que foi, viu um fantasma? — Questionou o estranho, sorrindo.

— Não, apenas imaginei que não viria mais, pelo tempo que me deixou esperando. — Respondeu Luciana.

— Mas eu disse que apareceria, não? — Disse o estranho.

— Sim, disseste. — Concordou Luciana.

— E então? — Continuou o estranho.

— Pois você demorou muito e não apareceu na hora combinada. — Advertiu Luciana.

— É, não cheguei mesmo, mas cheguei bem antes de ti. — Respondeu o estranho.

— Antes de mim? — Indagou Luciana, apreensiva.

— Sim, eu estava sentado do outro lado observando você e avaliando sua paciência. Eu tinha dito a mim mesmo que não aguentaria esperar bem antes mesmo do sol se pôr.. Mas olhe, você aguentou. — Revelou o estranho.

— Está de brincadeira comigo, só pode! — Retrucou Luciana.

— Não, é sério! — Confirmou o estranho.

— Mas que idiotice sua! — Rebateu Luciana, indignada.

Ele sorriu levemente revelando lindos dentes, e sim, ela estava reparando-o dos pés à cabeça, era alto com tom de pele achocolatado, voz grossa e um par de olhos pardos; até que ele era bonitinho, pensava Luciana.

— O meu celular, por favor? — Sugeriu Luciana.

— Está aqui comigo. — Afirmou o estranho.

— Sim, podes me entregar, tenho que chegar em casa antes que o engarrafamento tome conta da estrada.

— Justificou Luciana.

— Será que podes esperar só mais um pouquinho? Pelo menos até o sol mergulhar por completo no mar?

— Sugeriu o estranho.

— Mas é que... — Dizia Luciana, quando o estranho a interrompeu: — não se preocupe, eu estou de moto e posso levá-la, apenas fique comigo até o sol mergulhar, por favor!

— Bom, se insiste... É o mínimo que poderia fazer para agradecer por teres encontrado o meu celular. — Concordou Luciana.

— Muito obrigado! — Agradeceu, o estranho...
— E então, tu vens sempre aqui? — Continuou.

— Não, e tu, vens? — Respondeu Luciana.

— Sim, venho, amo ver o pôr-do-sol daqui. —
Disse o estranho.

— Aham, compreendo perfeitamente. —
Consentiu Luciana.

O pôr-do-sol era realmente sublime visto daquele lugar, e eles ali conversaram bastante.

— E então, podemos ir, senhorita...? — Quis saber seu nome, o estranho.

— É Luciana... Eu me chamo Luciana. — Disse.

— Luciana... É lindo o seu nome, tal qual os teus olhos. — Galanteou o estranho.

— Ora... Muito obrigada! — Agradeceu, Luciana, lisonjeada, esperando que ele, por sua vez, lhe revelasse seu nome, mas infelizmente se calou, contudo, Luciana não quis perguntar novamente; talvez tivesse um nome tradicional da qual se envergonhasse como a maioria dos jovens, pensou Luciana. — Respondendo à tua pergunta, sim, podemos ir. — Completou.

Ele levou-a até à entrada de sua rua, ela não queria que o estranho conhecesse sua casa; despediram-se com beijinhos na bochecha, logo, ele foi embora. Luciana caminhou mais um pouco até chegar em sua casa.

CAPÍTULO III

No dia seguinte, fez um videochamada com as meninas e contou-lhes tudinho, tintim por tintim. Elas diziam que Luciana havia encontrado o amor da sua vida, mas segundo ela, não era nada disso.

Depois de um tempo procurando, finalmente conseguiu um emprego no Colégio, pagavam-na o suficiente para fazer suas coisas e pagar suas contas sem precisar incomodar sua mãe; afinal de contas, já era adulta o bastante, vinte e cinco anos, e não poderia ficar continuamente junto dela; começou também a comprar suas próprias coisas.

Durante a madrugada, enquanto conversava com a Eliana e a aconselhava sobre a briga que teve com o namorado, por mais estranho que pareça, ela lembrou-se do NINGUÉM, o jovem do parque, e de como ele adorava ver o sol se afogando no mar.

Outro dia Luciana foi até lá, mas não por causa do sol morrendo no mar, e sim para vê-lo, todavia, não o encontrou. Retornou para casa, pegou o celular de sua mãe e procurou dentre as chamadas o número que o

“Estranho Ninguém” havia utilizado para fazer a ligação àquele dia, mas não completava; tentou por vezes, dias, e nada. Luciana achou-se estranha, pois estava ligando continuamente, mesmo sendo ele só um estranho.

Enquanto dormia, pela madrugada recebeu uma mensagem de um número desconhecido, dizendo: — “está me procurando?”

Era ele com certeza; ler aquela mensagem fez o coração de Luciana saltitar de emoção e alegria, no meio da noite.

— “Sim, estava à sua procura, Ninguém”. — Respondeu, Luciana.

— “Saudades, ou perdeu algo mais no parque?” — Questionou Ninguém.

— “Você me viu no parque?” — Perguntou Luciana, apreensiva.

— “Sim, eu vi você. O que foi?” — Questionou Ninguém, novamente.

— “Nada de especial, só imaginei que talvez quisesse companhia para veres o sol mergulhando no mar”. — Justificou Luciana.

— “Percebi... Obrigado”. — Agradeceu, Ninguém.

— “De nada”. — Respondeu Luciana.

— “Tchauzinho”. — Despediu, Ninguém.

— “Espere um pouco, por favor!” — Implorou Luciana.

— “O que foi?” — Disse, Ninguém.

— “Você está com sono?” — Perguntou Luciana.

— “Sim, estou, e muito”. — Afirmou Ninguém.

— “A gente pode voltar a se ver?” — Sugeriu Luciana.

— “Claro, um dia desses, talvez”. — Respondeu Ninguém.

— “Aham, está bem, tchauzinho então!” — Concluiu Luciana.

— “Tchau”. — Respondeu Ninguém, indiferente.

Dia seguinte, Luciana acordou e nem sequer se atinou de como e quando, o Ninguém, havia conseguido o número do celular dela. Tomou banho, comeu e foi

trabalhar; logo que saiu, foi ter com as suas amigas para conversarem um pouco.

— É possível gostar de alguém que nem conheço e que só vi por duas vezes? — Indagou Luciana.

— Por que não? É normal... — Responderam-lhe.

— Este alguém é o tal NINGUÉM? — Questionou Débora.

— Sim, eu não consigo parar de pensar nele mesmo quando estou dormindo. — Comentou Luciana.

— O amor está no ar e o cupido dispara suas flechas! — Disse Jurelma, sorrindo.

— Ah! Pare, Ju... É sério! — Advertiu Luciana, tímida.

— Marque um encontro com ele, diga o que sente e ouça o que ele tem a dizer sobre isto. — Sugeriu Débora.

— Acha mesmo que eu devo? — Indagou Luciana, incerta da sugestão.

— Se quiser saber algo dele, amiga, sim. — Afirmou Débora.

— Não, acho melhor não; e se ele pensar que sou uma oferecida e tirar conclusões erradas sobre mim? — Questionou Luciana, confusa.

— Mas tu és mesmo uma oferecida? — Perguntou Débora.

— Não, claro que não. — Retrucou Luciana.

— Pois então? — Disse Débora.

— Sei não..., mas farei isto. — Consentiu Luciana, insegura.

Depois de dois dias, Luciana fez o que Débora sugeriu, e ele aceitou o encontro para conversarem. Conversaram bastante, Luciana tomou coragem e contou o que sentia por ele; ele disse que sentia o mesmo por ela, mas que não quis dizer nada por medo da rejeição.

— Então, já posso saber o seu nome? — Perguntou Luciana, empolgada.

— Ninguém já não basta? — Questionou Ninguém.

— Por favor! — Implorou Luciana.

— Certo. — Respondeu Ninguém.

— E então? — Insistiu Luciana.

— Mendes... Eu sou o Mendes. — Revelou Ninguém.

— Mendes? — Disse Luciana, surpresa.

— Sim, Mendes, o amigo que nunca compareceu ao encontro, que você abandonou e deixou de responder às mensagens no Facebook, sou eu. — Afirmou Mendes.

— Meu Deus! — Disse Luciana, pasma.

— O que foi? — Questionou Mendes, curioso.

— Era você esse tempo todo? — Constatou Luciana.

— Sim. — Confirmou Mendes.

— Não disse logo de primeira, por quê? Não colocas foto ao perfil do Facebook, por que, se tu és tão lindo? Meu Deus, eu não consigo acreditar! Olha, peço desculpas por não responder mais as tuas mensagens no Facebook; é que eu estava muito brava, pois foi por tua culpa que o meu celular havia caído, tudo porque você

não apareceu ao encontro, sendo que, na verdade, esteve sempre aqui. É complicado... — Desabafou Luciana.

— Não precisa se desculpar... Não considere isto, eu havia entendido o seu motivo. — Disse Mendes.

Depois de toda a conversa, eles ficaram bem e se resolveram.

Após algumas semanas, Mendes pediu-a em namoro e ela sem muito o que dizer, aceitou, afinal, ela estava solteira e ele também, segundo informada.

A conexão entre eles tornava-se cada vez mais forte, começaram a namorar e estavam felizes, entretanto, como atualmente namoro sem sexo é inaceitável, chegaria então à parte complicada para Luciana e prazerosa para Mendes.

Ela já era adulta e ciente do que realmente queria; Mendes tinha sido o escolhido para cumprir a missão, com sucesso, desde o momento em que Luciana o aceitou como seu namorado, a pessoa que lhe ia tirar a virgindade, brevemente.

Combinaram passear um pouco, domingo, e comer do bom mufete com feijão de óleo de palma e

farinha; logo, dar alguns mergulhos nas águas da ilha de Luanda.

O domingo havia chegado e foi Mendes pegá-la de moto em sua casa, por volta das 10h... Às 12h, já estavam pisando nas areias brancas e finas da praia.

— Está cheia a praia hoje, você não acha? — Comentou Luciana, segurando-lhe firme na mão, para dar a entender aos rapazes e aos senhores que estavam olhando para ela desde o primeiro momento que desceu da moto, que eram namorados.

— Sim, está realmente muito cheia. — Consentiu Mendes.

— Pois é. — Concluiu Luciana.

— Você quer ir a um outro lugar? Outra praia? — Perguntou Mendes.

— Não, não é preciso, podemos ficar... — Respondeu Luciana.

— Está bem, minha rainha, você quem manda. — Disse Mendes.

— Ainda nem me troquei, aliás, já estou até com traje de banho por baixo deste, e me olham demais, amor. — Disse Luciana, constrangida.

— Te merece! Quem manda ser gostosa? — Respondeu Mendes, achando graça.

— Oh! Pare! Você queria que eu fosse o quê, então? — Retrucou Luciana.

— Verdade... Estás muito bem assim, amor. — Respondeu Mendes.

— A gente tinha que ocupar uma mesa, não? — Sugeriu Luciana.

— Sim, me esqueci, mas olhe, há uma ali disponível. — Respondeu Mendes.

Caminharam até à mesa vaga e sentaram-se.

— Vou buscar a nossa comida, amor, volto já. — Sugeriu Mendes, enquanto Luciana trocava-se para ficar com traje de banho, enfim.

Minutos depois, um homem sentado junto duma mulher numa das mesas, não muito distante, fitava seus olhos a ela, estranhamente, parecendo que Luciana fosse criminosa ou maluca.

Luciana não o observou detalhadamente, mas pelo pouco que viu, parecia um homem que estava enfrentando problemas e dificuldades inerentes aos quarentões.

— Luciana... Luciana... Luciana!... — Alguém sussurrava.

A mulher que estava com o homem era linda, sem medo de errar, arriscaria dizer que tinha a mesma idade de Luciana, quase isto ou até mais, porém, não mais de trinta.

— Perdeu? — Perguntou Mendes, que estava de pé com os pratos de comida, notando a namorada perdida em seus pensamentos.

— O quê? — Disse Luciana, pouco assustada, pois não o tinha visto chegar.

— Eu perguntei se você perdeu... — Insistiu Mendes, enquanto pousava a comida na mesa. — Eu a chamei umas três vezes, mas não me ouvias, pareceu até que estavas em transe ou hipnotizada. — Completou.

— Não... — Respondeu Luciana.

— O que houve, amor? Você está bem? —
Perguntou Mendes, apreensivo.

— Claro, estou, meu rei... Vamos comer? —
Afirmou Luciana.

— Certo. Bom apetite, minha rainha. —
Concordou Mendes.

— De igual modo. — Respondeu Luciana.

Começaram a comer, e segundo suas expressões, a comida parecia boa. A ilha oferecia um dos melhores mufetes do país, senão, o melhor. O homem, ao fundo, não parava de encarar a Luciana, e isto estava deixando-a desconfortável.

— O que foi, amor? — Perguntou Mendes, curioso.

— Nadinha, bebê, estou bem, só uma “irritação” nos olhos. — Disse Luciana, referindo-se à inconveniência que estivesse passando.

Terminaram a refeição, logo, a digestão, e só então mergulharam naquela água fria, que deixava-os temperados com sal da cabeça aos pés; mergulhos após

mergulhos, até seus olhos pedirem socorro de tão avermelhados que estavam, por causa da água salgada.

Ambos pararam por uns instantes olhando-se nos olhos à medida que seus corpos falavam por si, encostando-se vagorosamente até seus lábios pararem o mundo num beijo molhado, salgado e demorado, fazendo assim suas línguas conhecerem-se melhor...

O dia estava terminando e eles haviam de voltar cedo para casa, pois aos finais de semana os táxis eram difíceis e ocorria bastante engarrafamento, impedindo até as motos de transitarem com facilidade, como nos dias normais e laborais; recolheram as suas coisas e se evadiram da praia.

Mesmo longe, aquele homem não parava de observar a Luciana, e o Mendes não desconfiava de nada, não notava nada.

Durante o regresso para casa, Luciana disse-lhe que estava se organizando aos poucos e começando comprar suas próprias coisas, contudo, Mendes perguntou-lhe o porquê, e ela respondeu-lhe que tinha ideia de viver sozinha e ser independente, não totalmente, mas sim, deixar de dar tanta preocupação à

sua mãe, que já estava sobrecarregada com seus próprios problemas. As meninas já haviam adorado a ideia há muito tempo, porque elas foram as primeiras a saber e apoiarem também, só restava o seu namorado.

Chegando em casa, Mendes deixou-a até sua porta, despediram-se com beijo e abraço, depois, subiu em sua moto e foi embora prometendo ligar quando chegasse na casa dele.

Bem, ela teria que entrar e tomar um banho relaxante, tirando todo o sal do mar que estava sobre seu corpo; entrou e trancou a porta. Passando pela sala vagarosamente e não acordar a sua mãe, ouviu uma voz vindo do escuro, que não demorou muito para acender a lâmpada do recinto.

— Essas são horas de chegar em casa? —
Repreendeu a voz.

A luz revelou quem era, era sua mãe que ficou esperando por ela.

— Você sabe que horas são, menina? —
Repreendeu, sua mãe, novamente.

— Ah, mãe! — Retrucou Luciana.

— São 22h! Você acha que são horas de voltar para casa? — Questionou veemente, sua mãe.

— Eu não sou mais criança, tenho vinte e cinco anos, é demais para a mamã me controlar assim. — Argumentou Luciana.

— Sim, tens razão, porém, de quem é o teto? De quem é a casa onde mora? Você acha normal, eu como sua mãe, perder o sono até a hora que a senhora resolva aparecer em casa, porque já é crescida para eu lhe abrir a porta? Não seria o contrário, Luciana? — Questionou, sua mãe.

A noite foi longa, sua mãe ralhou-lhe a noite inteira, pois era a segunda ou terceira vez que Luciana chegasse tarde em casa, mas reconheceu que a mãe tinha toda razão. Tinha mesmo o plano de morar sozinha para evitar esse tipo de situação, entrar e dormir quando bem entendesse na sua própria casa. Pelo lado positivo, tal fato veio ajudar e motivar a seguir com o seu plano.

Conversou com a sua mãe e pediu-lhe desculpas, e ela aceitou. Disse-lhe também que com o dinheiro que ganhava no colégio, conseguiria pagar uma casa de

aluguel só para ela, não muito grande, mas onde ela pudesse sentir-se à vontade e fazer suas próprias coisas.

CAPÍTULO IV

Após um mês, sem muito o que esperar, Luciana apresentou o Mendes à sua mãe como namorado, a pessoa que fazia-lhe chegar sempre tarde em casa, mas que também fazia-lhe feliz, e ela como boa mãe, gostou dele e se tornaram bons amigos, até que Luciana começou a sentir ciúmes, pois parecia que já não era mais sua filha, e sim ele, filho dela. Neste mesmo mês mudou-se, e as meninas ajudaram-na a se mudar, quando Luciana as apresentou ao Mendes, e também se deram muito bem.

Uma semana depois, as dores e as coceiras nos olhos começaram novamente, desta vez mais intensas, e havia mesmo de ir à procura de um médico especialista, ou senão acabaria numa cegueira profunda; no entanto, ela já estava morando sozinha e decidiu não falar nada à sua mãe, pois se lhe dissesse que seus olhos pioravam, certamente falaria muito e lhe diria para procurar rápido um médico. Por sua mãe ser controladora e protetora, foi um dos motivos que fez com que Luciana vivesse sozinha; sua mãe, quando via alguma coisa nela, não aguentava e começava a falar muito, mesmo quando

Luciana afirmasse estar bem ou dissesse que já iria procurar um médico.

Ela a tinha deixada em Viana e decidiu alugar uma casa na Samba. O local era bom de se conviver e tranquilo, os vizinhos também não eram irritantes como os de Viana, onde a sua mãe mora; lá encontra-se todo tipo de vizinho, há aquele que mesmo não conhecendo-a, desejava sair logo com ela, o que era uma loucura, e este fato era recorrente em Viana, outro motivo dela sair daquele município; surgiam mesmo jovens atrevidos, mas a vida é mesmo assim. Havia uns que pareciam um grande exemplo, como se fossem santos, e outros que não caberiam citar; bruscos, atrapalhados, sem modos, nem se quisessem tinham um pouco de respeito; realmente lamentável.

Luciana observou que não estava dando certo e parecia piorar; Débora, Jurelma e Mendes disseram-lhe para procurar um médico especialista antes que fosse tarde, então, contactou um médico oftalmologista, onde estagiava a amiga, porque a sua visão piorava a cada dia que passasse. Foi numa clínica que encarregava-se em Maianga, chegou lá por volta das 8h da manhã com sua amiga e, bem recebida, sentaram-na num banco de

urgência, ficou sentada esperando chegar sua vez, várias pessoas entravam e saíam. Passaram-se vinte minutos e Luciana foi chamada para entrar; entrou na sala e viu um senhor sentado na cadeira com uma lapiseira, fazendo algumas anotações, apontamentos, e concluiu que talvez pudesse ser um dos pacientes.

Luciana saudou-o para que ele notasse que ela estivesse na sala, pois estava tão ocupado que nem percebia ao que ocorresse à sua volta. Assim, após notar sua presença, ele ficou surpreso e fez-lhe um sinal para sentar-se na cadeira à frente dela. Sem mais demora, puxou a cadeira e sentou-se, pois já estava cansada de muito esperar àquele momento.

— Pois bem, seja bem-vinda. — Disse o médico, com um sorriso no rosto.

Ele estava trajado de terno, algo que Luciana achou estranho para um médico dentro de um hospital. O doutor tinha um jeito especial, ela olhava-o e deixava-a com arrepios ao redor do corpo, mas fazia de conta que tudo estava bem.

— Muito obrigada! — Agradeceu, Luciana.

— Como te chamas? — Perguntou o doutor.

Luciana imaginou que ele perguntaria, como ela está, em vez de, como se chama; achou estranho, no entanto, não deu importância e respondeu-lhe, e ele deu apenas um pequeno sorriso.

— E como posso lhe chamar? — Perguntou Luciana, fixando seus olhos nos dele. — Ou lhe chamo apenas de médico? — Completou.

— Podes me chamar de Zeca. — Respondeu o doutor.

Nossa, que nome inspirador, bastante sedutor: pensou Luciana.

— Prazer. — Disse Luciana.

— Então, o que a trás aqui, Luciana? — Perguntou o doutor, sem rodeios.

Luciana gostou como ele a chamou, só o Mendes a chamava daquele jeito, com sua voz grossa bastante sedutora.

— Estou com dores e coceiras nos olhos, e não é de hoje. — Reportou Luciana.

— Aproximadamente há quanto tempo? — Perguntou o doutor.

— Um ano, talvez. — Respondeu Luciana.

O modo como ele a encarava, deixava sua respiração ofegante, seu coração se incendiava por dentro, e não poderia manifestar isto aparentemente. Será que todas as pacientes sentem isto quando ficam perto dele, ou era apenas eu? Pensou Luciana. Parecia magia o que lhe estava sucedendo naquele dia, sentia uma força que percorria suas veias sanguíneas.

— Tanto tempo assim? — Indagou o doutor, surpreso. — Por que decidiu aparecer só agora? — Questionou o doutor.

— Não tive muito tempo, o trabalho me apertava, a oportunidade surgiu e consegui vir, finalmente... Por que? Algum problema? — Justificou Luciana.

— Sim, há problema, sua demora em buscar tratamento poderia prejudicar ainda mais a sua visão; nos primeiros dias do sintoma, já deveria ter me procurado. — Advertiu o doutor.

— Eu ainda posso enxergar, não vai me dizer que estou ficando cega. — Argumentou Luciana, olhando-o bem nos olhos, que não eram nada comparados aos olhos de seu namorado; ela sentia uma atração por

aqueles olhos; os olhos do Mendes eram olhos de um macho.

— Muito bem, vou fazer algumas avaliações para verificar se tudo está bem contigo. — Disse o doutor.

Ele levantou-se e parou de frente a ela, que sentia o seu corpo tremer, não de medo, mas de outra coisa que não sabia nem explicar. Ele tocou-lhe a mão e percebeu que ela estava tremendo.

— Vai ficar tudo bem. — Disse o doutor. — Por hoje dirás apenas o que tens sentido. — Completou.

Fez-lhe mais algumas perguntas, análises e depois recomendou-a seguir a medicação ao pé da letra.

— Muito obrigada, doutor. — Agradeceu, Luciana.

— Não precisa agradecer, é o meu trabalho. — Respondeu o doutor.

Levantou-se Luciana para sair de sua sala, e uma dúvida lhe ocorreu: — olhe, doutor, sei que vai parecer estranho, mas a gente já se viu em algum lugar? — Questionou Luciana, intrigada.

— Creio que não, não me recordo... —
Respondeu o doutor.

— O senhor tem um irmão gêmeo? — Insistiu
Luciana.

— Não, que eu saiba... — Respondeu o doutor,
novamente.

— Acho que já vi o senhor em algum lugar, só não
me lembro onde. — Comentou Luciana.

— Luanda é uma das três províncias menores de
Angola, e as pessoas não são estatísticas, jovem
Luciana; talvez a gente tenha se deparado mesmo em
algum lugar. — Justificou o doutor.

— Verdade... Já me vou então, doutor, tenha uma
ótima tarde. — Despediu-se Luciana.

Saiu do consultório e quando estava prestes a
passar pela porta da clínica, o celular tocou. Olhou o
número e era o Mendes; atendeu e combinaram ir tomar
uma sopa num restaurante novo da cidade.

Luciana havia se atrasado e encontrou lá seu
namorado, tomando um sumo enquanto a esperava. Ela
aproximou-se por trás, levou as mãos em seus olhos e

pediu-o que adivinhasse quem era; ele já sabia, pelo aroma do perfume, pelas mãos macias, e por último não menos importante, sua voz.

— És tu, Nayuca? — Perguntou Mendes, levando as mãos em seus braços enquanto sorria.

Luciana não o respondeu, segurou-o por mais uns minutos e ele novamente indagou: — és tu, Nayuca? Olhe, pare logo com isto... A Luciana está vindo para cá e pode não gostar de ver a gente assim, por favor, pare!

— Nayuca?... — Questionou Luciana, já meio colérica. — Além de mim, você tem outra mulher, Mendes? — Continuou, com fúria nos olhos, enquanto se sentava bem à sua frente, esperando uma resposta sensata.

— Não existe Nayuca nenhuma, rainha... Eu estava apenas brincando com você, sua ciumenta boba! — Retratou-se Mendes, em gargalhadas, para acalmar a tempestade prestes a acontecer.

Depois de alguns minutos, pediram a sopa e o garçom trouxe-a rapidamente; tinha um cheiro de matar a fome antes mesmo de a provar.

— Garçon, podes vir aqui, por favor? — Sugeriu Mendes, respeitosamente.

— Posso ajudá-lo, senhor? — Respondeu o garçom.

— Sim, gostaria que provesse da sopa... — Sugeriu Mendes.

— Não está boa, senhor? — Questionou o garçom, admirado.

— Imagino que sim, mas prove-a... — Insistiu Mendes.

— Senhor, poderemos servi-lo novamente se é que encontrou alguma mosca; o nosso restaurante pode ser novo, contudo, de muita qualidade em nossos serviços, desde a escolha de mantimentos, a preparação, a limpeza e tudo mais. — Argumentou o garçom.

— Não é esta a questão, apenas prove a sopa, só isto. — Articulou Mendes, irritado.

— Está bem... Mas, cadê a colher? — Questionou o garçom, enquanto seus olhos vasculhavam a mesa, à procura da colher.

— Isso mesmo, cadê a maldita colher? —
Retrucou Mendes.

— Oh, mil perdões, senhor, foi um descuido de
minha parte. — Implorou o Garçom.

— Não faz mal, moço. — Disse Luciana,
tentando apaziguar e pontuar a situação. — Traga-nos
apenas as colheres, que a sopa já está esfriando; errar é
humano. — Completou.

— Muito obrigado pela compreensão, trago já as
colheres, e mais uma vez peço desculpas. — Concluiu o
garçom.

— Sim, vá logo, mano! — Rebateu Mendes,
elevando suas costas para trás a se apoiar na cadeira.

O garçom foi ligeiro, trouxe-lhes as colheres e,
então, começaram a comer.

Enquanto comiam, Mendes recebeu uma
mensagem, não tomou o celular que estava sobre a
mesa, apenas continuou comendo como se não tivesse
visto ou ouvido; novamente mais uma mensagem, e
mais outra em seguida, e ainda assim não as respondia...

O celular começou a tocar, tocou cerca de duas vezes, mas ele não quis atender, e Luciana não sabia o porquê.

— Mendes! — Chamou Luciana.

— Sim. — Respondeu Mendes.

— Está tudo bem com você? — Questionou Luciana.

— Sim. Pareço doente? — Sugeriu Mendes.

— Não, mas você está estranho. — Comentou Luciana.

— Sério?... Não, impressão sua, amor. — Afirmou Mendes.

Novamente mais uma mensagem como das vezes anteriores, ele a ignorou e não a respondeu. Luciana começou desconfiar que seria uma mulher enviando-lhe todas aquelas mensagens, por isso não quis responder ou atender, pois ela estava por perto.

Luciana esticou o braço para pegar o celular e ver de quem eram as mensagens que caíam, mas ele rapidamente a segurou, não lhe permitindo tocar no seu celular.

— Não atendes e nem respondes às mensagens por quê? É essa tal de Nayuca? — Indagou Luciana.

— Não, amor, não é nada disso, só não quero que ninguém nos incomode, enquanto estivermos juntos. — Justificou Mendes.

Luciana não se convenceu, mas preferiu se acalmar, terminar a refeição e pedir-lhe que a levasse em casa, pois estava exausta e queria relaxar depois de tudo que havia passado. Mendes gentilmente a levou, chegaram e entraram.

Luciana foi logo tomar banho, enquanto ele ficou na sala assistindo um filme na Dstv. Terminou o banho e foi se trocar colocando uma roupa mais simples, até porque a casa era dela. Depois de se vestir, foi ter com o Mendes na sala, para verem juntos o filme intitulado “A Vizinhaça”.

— Amor, tem refrigerantes na geleira, queres que pegue um para você? — Perguntou Luciana, enquanto se sentava no seu colo.

— Não, melhor não. — Disse Mendes.

— Por quê? — Indagou Luciana, surpresa.

— A gente acabou de tomar tigela de sopa, imagine no que daria se eu tomasse um refrigerante agora? — Justificou Mendes.

— Ah, então é por isto? Será... — Disse Luciana.

— Prevenção... Não quero acabar na casa de banho a tarde inteira. — Concluiu Mendes.

Luciana fez o almoço, e enquanto comiam, ficou em silêncio e pensativa, sabia que ele queria fazer sexo, ela também, no entanto, não a pedia por respeito e consideração, ou a deixava estar psicologicamente preparada, por ser virgem. Contudo, Luciana sentiu que já era a hora, estava preparada e desejava que fosse ele quem tirasse sua virgindade, a de uma jovem de vinte e cinco anos, entretanto, Mendes também muito tímido, não queria dar nenhum passo arriscado. É realmente atípico encontrar uma mulher da idade Luciana ainda virgem, muitas a perdem aos doze, quinze anos, mas ela era diferente. Desde cedo sua mãe ensinou-a se valorizar como mulher, conquistar, sonhar alto e correr atrás de seus sonhos e objetivos, para os realizar, e um deles foi tornar-se independente.

— Mendes! — Chamou Luciana, deixando o comando no outro lado do cadeirão.

— Sim, amor. — Respondeu Mendes.

— Vamos fazer amor... — Sugeriu Luciana.

— Mas Luciana... — Dizia Mendes, quando Luciana o interrompeu: — mas nada, eu estou louca de vontade de transar com você; eu quero sentir o teu corpo no meu e quero que sintas o meu corpo no teu; eu quero me juntar a você física e espiritualmente, e provar que te amo e sou tua, apenas tua.

Mendes tentou argumentar, mas foi interrompido com um beijo.

— Coloque o celular no silencioso ou desligue-o. — Ordenou Luciana, enquanto o beijava.

Lentamente, ela tira a roupa dele; primeiro desatou a fivela do cinto e baixou lhe a calça.

— Melhor a gente ir para o quarto. — Disse Mendes com a respiração ofegante, enquanto Luciana percorria seu pescoço com sua língua molhada, voltando novamente aos lábios.

— Não. — Respondeu baixinho, Luciana, à medida que sua respiração queimava a pele de Mendes. — Vamos fazer aqui mesmo na sala, sobre o cadeirão e o tapete, amor. — Concluiu.

— Tira-me a blusa, amor. — Disse Luciana, levando sua mão para dentro da boxa de Mendes, para sentir o volume e a quentura do dorso, que descansava tranquilamente.

Mendes tirou-lhe a blusa, o calção, deixando-a apenas de biquini, e entre beijos, carícias, tapas na bunda e amassos... Entre os lábios abaixo emergia o sêmen, que lubrificava toda aquela região vaginal. A excitação tornou a vagina mais úmida e alargada, pronta a receber o dorso de Mendes, que se encontrava ereto brotando sêmen, dessa vez fora da boxa, enquanto Luciana o segurava firme para mergulhar em sua vagina. Vagarosamente, Mendes baixou-lhe o biquíni vermelho que trajava, mergulhou para dentro do orifício o dedo indicador, que após um minuto saiu banhado de sêmen.

Saiu dos lábios de cima e foi aos debaixo, lambuzando o clitóris com a língua, enquanto ela soltava gemidos. Ela colocou o dorso em sua boca fazendo o movimento de entra e sai, levando o homem ao pico da

excitação, até que ejaculou. Minutos depois, o pênis voltou a projetar-se para frente, pronto a mergulhar dentro do orifício que expulsava um ar quente, ambos estavam nus, Luciana por baixo e ele por cima, na clássica posição papa e mamã, em leves movimentos de vai e vem, enquanto ela se contorcia e soltava gritos de prazer. O Mendes havia passado a noite na casa dela, o sexo rolou o tempo todo, e finalmente Luciana perdera sua virgindade.

CAPÍTULO V

No dia seguinte, depois de uma noite longa e prazerosa, tomaram banho juntos e só depois Luciana foi ao trabalho, leve e relaxada, e o Mendes, após deixá-la no colégio, seguiu o seu caminho, mas recebeu uma mensagem de Jurelma, a qual não houve como abrir, pois estava sobre a moto, e acabou esquecendo-se de abrir quando chegou em casa.

Luciana foi novamente ao médico para o tratamento, agora junto do namorado, apresentou-o ao doutor e ambos se deram muito bem, típico dos homens, porém, o doutor estava começando criar sentimentos pela Luciana, a ligava e tudo mais, mas ela era fiel ao Mendes; todavia, ele dizia que daria tudo a ela.

Luciana optou em não contar nada ao namorado, pois Mendes havia se tornado muito amigo do doutor, chegavam até a sair juntos nos finais de semana, ademais, ele também era médico dum hospital público, e conversavam sobre diversos assuntos ligados ao ramo da saúde. Ela imaginou que depois isto passaria, que era só simples atração, contudo, o que realmente Luciana

não esperasse é que, aquele pequeno sentimento que o oftalmologista alimentasse por ela, a trouxesse enorme retrocesso e bagunçaria sua vida. O oftalmologista fazia de tudo para agradá-la, dizia-lhe que faria de tudo para ter o amor dela.

Após a graduação dos óculos de Luciana, Mendes convidou as amigas dela e mais alguns de seus amigos, inclusive seu novo amigo oftalmologista, e deu uma grande festa de aniversário para sua namorada, uma festa surpresa. Foi daí que ela entendeu a razão das chamadas e mensagens estranhas que Mendes recebia, enfim, era tudo plano para a festa surpresa que ele estava planejando com suas amigas, sem que desconfiasse de nada. Jurelma e o oftalmologista já se conheciam desde a clínica.

Durante a noite da festa, o oftalmologista recebeu uma ligação e foi atender no quintal, longe de todo mundo, até porque estava muito alta a música; o que ele não sabia é que Jurelma estava na casa de banho de fora e ouviu tudo que ele disse à pessoa, do outro lado da linha do celular.

— Sim, é o Zeca, tenho tudo planejado, não se preocupe, ninguém desconfia de nada e nem sabe de

nada sobre mim, senão o que eu permiti que vissem. Apenas aguardem o meu sinal e quando tudo estiver pronto as levaremos, e nin... — Dizia o oftalmologista, quando ouviu um objeto cair no chão, do outro lado do quintal, onde se encontrava a casa de banho; era a Jurelma, que saiu em silêncio e às pressas.

— Olhe, já te ligo. — Disse o oftalmologista, desconfiado, caminhando em direção à casa de banho, porém, quando lá chegou não encontrou absolutamente ninguém, só a porta aberta.

Deu-lhe a entender que alguém estava lá e o ouviu dizer qualquer coisa que não deveria, voltou à festa como se nada tivesse acontecido e continuou tudo normal.

Jurelma não acreditou no pouco que tinha ouvido do doutor, o sentimento de duas sílabas havia tomado conta dela (medo) e ficou completamente trêmula.

As amigas notaram e perguntaram-lhe o que se passava, mas ela dizia que não se passava nada, enquanto fitava os seus olhos ao oftalmologista, que se encontrava ao fundo do quintal conversando com uma mulher, uma amiga do Mendes. Ela tremia as mãos

sempre que olhava o doutor, e não conseguia articular absolutamente nada.

Uma semana após a festa, ela esperou o médico sair de sua sala na hora do almoço e vasculhou o lugar à procura de mais informações sobre ele no computador, nalguns documentos, pastas, mas nada, não encontrou algo que o incriminasse, estava totalmente limpo. Ao passar pela porta, deparou-se com o oftalmologista bem na sua frente, e deixou cair o que levava nas mãos.

— Jurelma, o que fazes aqui? — Questionou o doutor, que a olhou atentamente. — Está me procurando ou perdeu alguma coisa no meu consultório? — Insistiu o doutor.

— Nada, senhor!... — Disse Jurelma, tremendo os lábios e as mãos. — A Luciana ontem pediu-me que perguntasse quanto falta para terminar a dívida dela com a clínica, incluindo as consultas e a graduação de seus óculos.

— Sim... Só isso? — Disse o doutor, com toda calma. — Diga para não se preocupar, quando tiver o dinheiro, pode vir fazer o pagamento. — Concluiu.

— Está bem, senhor, lhe direi. — Respondeu Jurelma, cabisbaixa, pois não conseguia encará-lo.

Rapidamente ela se retirou e foi numa das casas de banho da clínica, havia tomado o celular dele sem que percebesse e tinha poucos minutos antes que desse falta. Jurelma procurou chamadas e mensagens, qualquer coisa suspeita e encontrou apenas uma mensagem de um número que não estava gravado no celular, dizendo: — “Tu tens apenas três meses para fazeres a entrega dos corpos e tirar deles o que precisamos para o comércio, e sumir. A gente precisa ir, eu já contratei alguns homens para sumirem com os corpos depois do trabalho, assim os serviços de investigação não os encontram e evita problemas. A próxima província é Huambo, já lhe preparamos tudo, desde a identidade nova, o novo hospital e a tua moradia. Então, vê se te despachas logo com isto para irmos logo, José.”

Jurelma não acreditou no que tinha lido, ela admirava muito o oftalmologista como pessoa e doutor, e sabia que não poderia ficar calada, tinha que contar a alguém antes que fosse tarde demais. Seu nome e o nome de suas amigas estavam na lista do oftalmologista e não só, suas fotos também estavam na galeria, fotos de

todas elas distraídas, tiradas à distância por uma câmera profissional. Rapidamente Jurelma fotografou todas as conversas.

Novamente voltou ao consultório para fazer a devolução enquanto o oftalmologista estava na recepção da clínica, tratando algumas papeladas sobre marcações de consultas e outros.

À medida que fazia tudo às pressas para evitar ser flagrada pelo doutor, caiu-lhe um gancho de sua cabeça, que prendia a sua peruca. Ela tinha muitos deles e não deu por falta de um, por medo de ser encontrada, depois de tudo que havia descoberto sobre o oftalmologista.

Rapidamente saiu da clínica após ter devolvido o celular no consultório, e foi para casa tentar colocar as ideias no lugar antes de falar qualquer coisa a alguém. Havia se despedido dos colegas e do oftalmologista, que ainda encontrava-se na recepção: — até amanhã. — Disse Jurelma, acenando para que o táxi parasse. — Boa tarde para vocês. — Completou.

— De igual modo, minha querida! — Desejou-lhe a recepcionista, com um sorriso de mãe.

— Até. — Respondeu o doutor. — E bom apetite, quando fores almoçar ou jantar. — Completou.

— Olhe, sra. Ruth, passa-me o número deste paciente, eu o informarei detalhadamente sobre o tratamento que a gente tem feito. — Sugeriu o doutor, levando a mão no bolso para tomar seu celular.

— 946-351-6... — Ditou Ruth, mas o doutor percorria os bolsos e não encontrava seu celular.

— Espere só um pouco, sra. Ruth. — Disse o doutor. — Não encontro o meu celular. — Completou.

— Talvez esteja em seu consultório, doutor. — Deduziu Ruth.

— Será? Pode ser... Me envie este número por mensagem, depois o salvarei. — Sugeriu o doutor.

— Sim senhor, agora mesmo. — Disse Ruth.

— Okay, grato! — Agradeceu, o doutor, apreensivo.

Adentrou seu consultório e encontrou seu celular sobre a mesa; organizou suas coisas para ir para casa e quando saiu, pisou no gancho ao lado da porta; agachou, tomou-o, continuou andando e a mensagem da sra. Ruth

caiu; entrou em SMS e notou que uma mensagem havia sido aberta, não por ele; serrou os olhos, desconfiado.

Leu a mensagem e prestes a sair da clínica, deu uma pausa aos passos, tomou o gancho do bolso e questionou à sra. Ruth se sabia de quem era aquele gancho de cabelo; ela afirmou que apenas duas pessoas na clínica usavam ganchos para prender o cabelo, eram elas a Jurelma e a doutora cubana, a Maria.

— Está bem, muito obrigado. — Agradeceu, o doutor, pela informação, saiu e pegou um táxi.

Dia seguinte, não questionou a nenhuma das duas, que usavam ganchos, e Jurelma ainda não havia dito nada a ninguém, permaneceu calada e trabalhando normalmente.

Após duas semanas, a clínica recebeu informação de que a doutora cubana foi encontrada morta dentro de seu carro, junto ao marido. As autoridades afirmaram que foi um acidente, que o marido havia perdido o controle do veículo e despistaram da estrada, o que culminou à morte de ambos.

Dias após o funeral da cubana e de seu marido, Jurelma recebeu uma mensagem, dizendo: — “abra a

boca e você será a próxima a ir parar à sete palmos da terra, estamos de olho em você a todo momento, Jurelma. Não foi um acidente, cortamos o freio do carro, estamos de olho em todas vocês!”

O número era anônimo.

Tomada pelo medo, deletou a mensagem e decidiu permanecer calada, já não poderia confiar em ninguém que tivesse ligação ao doutor.

Tempo depois, Mendes notou um comportamento estranho de Jurelma, pois, para alguém que muito falava e sorria para todas as pessoas, era atípico.

Durante um convívio num domingo, Mendes sugeriu a Jurelma que lhe contasse o que estaria acontecendo, a razão desta mudança repentina, porém, ela não conseguia contar nada, apenas fitava os olhos ao doutor, que conversava com suas amigas.

— O que foi, o Zé está lhe incomodando? —
Perguntou Mendes.

— Não, imagina, eu estou ótima, só cansada. —
Respondeu Jurelma, desviado o olhar.

Mendes estava fazendo o Mestrado em Psicologia Criminal, e pelas micros expressões que Jurelma apresentava enquanto era questionada, ele sabia muito bem que ela estava mentindo.

— Quer ir a um outro lugar? — Sugeriu Mendes.

— Não... Estou bem, Mendes, não se preocupe.
— Insistiu Jurelma.

Algo dizia-lhe para contar tudo, mas o medo a impedia, no entanto, num ímpeto de coragem: — olhe, Mendes, o doutor Zeca não é quem diz ser, ele é um... — Dizia Jurelma, quando o doutor a interrompeu: — olá! Olá!... — Disse o Doutor. — Alguém mencionou o meu nome? — Perguntou, levando uma mão ao ombro esquerdo de Jurelma e a outra mão ao ombro direito de Mendes, ficando, o doutor, entre os dois.

— Então, Jurelma? — Perguntou Mendes.

— Ah sim, então... Eu ia dizer que ele é um ótimo doutor e a gente nem sabia! — Comentou Jurelma.

— Muito obrigado, querida, tu também és e serás uma ótima doutora. — Articulou o doutor.

Ele, todavia, entre os dois, Jurelma recebeu uma outra mensagem anônima, dizendo: — “você quer que eu mate o Mendes, ou uma de suas amigas, ou sua mãe? Eu a disse que a gente está de olho em você.”

Aquela mensagem jamais poderia vir do oftalmologista, pois ele estava junto dela e do Mendes, no mesmo lugar.

— O que foi, Jurelma? — Questionou o doutor.
— Tudo bem com você? — Continuou.

— Sim, doutor, estou bem! — Respondeu Jurelma.

— Ora, faça-me o favor, doutor só lá na clínica, trate-me por Zeca. — Sugeriu o doutor.

— Bem, doutor, é questão de hábito, mas tentarei chamá-lo pelo nome, se é assim que sugere. — Respondeu Jurelma, surpresa.

— Agradeceria, se for possível. — Disse o doutor, com leve sorriso.

Semanas depois, Luciana teve uma pesada discussão com o Mendes, porque enviaram-na fotos dele beijando calorosamente uma mulher; Mendes tentava justificar que não era nada do que tinha visto nas fotos, e que se lhe desse uma oportunidade para se explicar, explicaria, porém, Luciana não quis saber de nada, a raiva havia tomado conta dela, pois as fotos eram incontestáveis.

Mendes até conversou com a mãe de Luciana e pediu-lhe para que falasse com a filha, mas nem ela conseguiu acalmá-la, passaram-se semanas brigados, ele ligou, enviou mensagens, mas Luciana não atendeu, nem respondeu; ela tornou-se muito amiga do Zeca, começando assim a contar-lhe sobre seus problemas.

O oftalmologista tentou se aproveitar da briga para convencê-la a ficar com ele, afirmando que sabia de tudo sobre o que Mendes fazia por trás dela, mas que não dizia nada por serem amigos e para não vê-la triste, porque ele o amava muito.

Mendes descobriu tarde demais a armadilha do “amigo” para tomar a namorada dele, e após descobrir, houve forte litígio entre os dois. Tinha sido o Zeca que enviou aquelas fotos do Mendes à fortes beijos com

outra mulher, para Luciana, no intuito de fazer com que eles brigassem, e após o litígio entre eles, deixaram de ser amigos.

Jurelma pediu que Mendes fosse à sua casa às 18h, ele foi sem pensar duas vezes e tiveram uma conversa demorada; Jurelma sabia que estava sendo observada; Mendes saiu às 22h, após várias horas de conversa e revelações.

Chegando em seu apartamento, notou que tinha esquecido as chaves de sua porta na casa de Jurelma e teve que voltar, mas sua moto já estava sem combustível e teve que ir de táxi, algo que não gostava muito porque os táxis andavam muito lento, e com sua moto ele chegaria num instante. Às 23h finalmente chegou.

A porta estava estranhamente aberta; Mendes entrou chamando por ela, dizendo que tinha esquecido suas chaves e voltou para pegá-las, mas Jurelma nada respondeu; foi direito à sala e tudo estava bagunçado, suas coisas estavam de cabeça para baixo. Mendes não entendeu o que se passou naquele momento, pois quando ele antes saiu, tudo estava organizado.

— Jurelma! Jurelma! — Gritou Mendes, supondo que ela teria sido assaltada depois dele ter saído.

Procurou por ela na casa toda e nada, restou apenas checar a casa de banho que ficava no quintal, e de fato, Jurelma foi lá encontrada quase morta, uma bala havia atravessado seu peito e a arma do crime colocada sobre seu corpo. Mendes, vendo aquilo, rapidamente segurou a arma, a jogou de lado e tentou colocar Jurelma sentada, apoiando-a à parede.

— Foi... — Jurelma, com pouco tempo de vida enquanto sangrava pela boca, tentou revelar o assassino. — Foi... — Insistiu Jurelma.

— Não, não se esforce tanto, eu vou buscar ajuda, fique calada. — Disse Mendes, enquanto procurava estancar a hemorragia com sua t-shirt, pressionando o lugar do ferimento.

Mendes se levantou para ir buscar ajuda, e quando atravessou a porta de casa, deparou-se com viaturas cercando a casa e agentes ordenando-lhe para que ficasse parado e que se virasse lentamente, levando as mãos à cabeça, enquanto se ajoelhasse. Alguém ligou para a polícia, e certamente não foi o Mendes.

Levaram-no preso, mesmo declarando sua inocência, e que não sabia do que havia se passado com sua amiga, que faleceu enquanto ele saiu à procura de ajuda, e a polícia o prendeu, visto que o sangue de Jurelma manchou suas vestes, e suas digitais marcou a arma utilizada à realização do homicídio.

Jurelma foi enterrada e o Mendes condenado sob pena de vinte anos de prisão, dado como responsável pelo ato, pois todas as provas o acusavam. Apenas a malograda poderia defendê-lo e declarar às autoridades e ao tribunal, que não foi ele. O celular de Jurelma havia sumido na noite do ocorrido, o assassino o levou.

Embora brigados, Zeca lhe arranjou um bom advogado de defesa; este mesmo disse ao Mendes que não há como se livrar, e que a única solução seria assumir o crime para reduzir sua pena, pois não havia ninguém da cena do crime que poderia depor a seu favor no tribunal.

O advogado de acusação não facilitava e nem deixava-o respirar, era o mesmo homem que encarava a Luciana na praia. Luciana não sabia em quem acreditar, se acreditaria no namorado que, independentemente de

discussão e briga, o amava, ou se acreditaria nas provas concretas que a polícia tinha contra ele.

Jurelma era como uma irmã para Luciana, e Mendes injustamente foi condenado, mas jurou um dia voltar e se vingar do culpado de tudo.

FIM

Numa Viagem a Macon

— E o que ele fará para se vingar ao sair da prisão? — Questionou, curioso, o pequeno que sentou-se ao meu lado no autocarro, e acompanhava a leitura de meu novo livro prontinho a comprar.

— Não sei, rapaz. — Respondi. — O livro tem continuação, eu acho. — Completei.

— Qual é o título, posso saber, moça? — Questionou o pequeno, novamente.

— O título é: “O Meu Médico Oftalmologista”, é um conto muito bom! Olhe, finalmente a gente chegou

ao nosso destino, a viagem foi longa, mas valeu a pena, pois comecei e terminei de ler o meu livro; as melhores viagens serão sempre as de regresso. Tchauzinho, rapaz! Até um dia, se Deus permitir. — Concluí.

BIOGRAFIAS

Aniceto Atalaia é pseudônimo de Aniceto Afonso Kodia.

Nascido aos 9 de agosto de 2005, Luanda, município de Kilamba Kiaxi.

Estudante do curso de enfermagem no Instituto Técnico Privado de Saúde San Pedro.

Escritor, poeta e guitarrista.

Percebeu o seu vício pela escrita em 2022, enquanto lia os escritos de alguns autores pelo Facebook.

Tem participação em algumas Antologias: “Viva Poesia Todo Dia - José Souza e Amigos”; “A Essência Alada, Encantos em Versos - Editorialista”; e tem alguns projetos em carteiras.

Autor do livro “A ENFERMEIRA E O LADO OBSCURO”.

Contatos do Autor: whatsapp: +244 945883949

E-mail: anicetoatalaia12345@gmail.com

Shïn Chän é pseudônimo de Melo Odilio António.

Escritor e rapper.

Nascido aos 23 de junho, província da Lunda-Norte.

Formado em Pedagogia Magistério Primeiro.

Contatos do Autor: whatsapp: +244 933748397

E-mail: odilsonpruwetinho@gmail.com

FICHA TÉCNICA

1-Título e Subtítulo da Obra: O Meu Médico Oftalmologista.

2-Nome do (a) Autor (a): Aniceto Atalaia & Shiin Chän.

3-ISBN: reservado.

4-Assuntos/ Temas: conto, romance.

5-Número da Edição: 2.

6-Editora: Esperança.

7-Local de Publicação: Manaus-Amazonas-Brasil.

8-Número de Páginas: 82.

9-Formato: PDF A5 14,8x21cm.

10-Acabamento: reservado.

11-Imagem da Capa: do autor – 1748x2598 pixel.

12-Tipo de Papel: reservado.

13-Coloração do Miolo: verde (ênfase 6) e preto.

14-Recurso Digital: computador, celular (caso e-book).

15-Requisição do Sistema: Windows, Android (caso e-book).

16-Modo de Acesso: reservado.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento, ou transmissão de partes deste livro através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito, podendo responder judicialmente em caso de violação.

O Meu Médico Oftalmologista, por Aniceto Atalaia & Shih Chän

UMA REALIZAÇÃO

EDITORA ESPERANÇA

Aqui Sua Obra Acontece

Alcebiades Júnior Profissional

<https://web.facebook.com/alcebiades.junior.71>

+5592994028523 (Whatsapp)

